

1º DOMINGO NA QUARESMA

22 DE FEVEREIRO DE 2026

MATEUS 4.1-11

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL DO DOMINGO

1.1 Salmo 32.1-7

O salmo 32 inicia com “Feliz aquele” (NAA), não como fruto de um otimismo simplesmente, mas como reflexo de uma culpa que foi tirada. O salmista faz de vários termos que mostram nuances diferentes sobre pecado (peshá, Hatá, Avon, remiyah), assim também descreve o perdão em várias nuances (remoção, cobertura, não-imputação). Dessa forma, o salmista salienta a ação divina em reconstruir a relação do pecador para com Deus, sempre opondo as diversas formas de afastamento de nossa parte com as diversas nuances dessa reaproximação por parte de Deus.

A estrutura do salmo é pedagógica: o silêncio é mostrado como algo que corrói por dentro, e o oposto disto é a confissão, meio pelo qual o salmista encontra misericórdia. É esta misericórdia então que se torna o “esconderijo”, o lugar seguro para quem habita cercado de perigo.

A chave do salmo para o domingo: O tema não é a culpa apenas, mas a culpa que é tratada por Deus. É o perdão que liberta a alma e permite o pecador cantar “canções de livramento” (32.7 NVI)

1.2 Gênesis 3.1-21

A leitura de Gênesis 3 narra o pecado como uma quebra de confiança. O convite da serpente demonstra ser para algo mal. A tentação “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” (3.1 NVI) não surge como um ato, mas como uma reinterpretação de Deus. A ideia lançada no diálogo é a de que Deus não deseja dividir as coisas boas e que governa por ameaça.

O resultado imediato de terem ouvido a serpente é bem conhecido: vergonha, medo, fuga, acusações como forma de buscar justificar o próprio pecado. A resposta de Deus para o ato é uma demonstração de que o pecado não é algo que fica apenas no plano espiritual: ele desorganiza as relações do casal e a relação com toda a criação de modo imediato e afeta a relação com o criador, além de introduzir a morte como consequência posterior.

O verso 15, conhecido como “protoevangelho” é a demonstração de que Deus não abandona sua criação, mesmo que ela deva ser julgada com a severidade necessária, há espaço para a promessa. Isto se dá no anúncio de que a derrota do mal se dará **pela semente** da mulher (o texto hebraico nos leva a ler assim mesmo no masculino, o que já anuncia a chegada de um menino da promessa).

A chave do Antigo Testamento para o domingo: nós caímos quando a vontade de Deus é colocada sob suspeita, a salvação vem por aquele que confia totalmente nesta vontade, um outro Adão.

1.3 Romanos 5.12-19

O texto de Romanos oferece a costura dos textos lidos este domingo. Toda a humanidade segue a linha deixada pelo primeiro Adão, assim também Cristo vem para alcançar toda essa linhagem.

Adão e Cristo não são tratados como figuras isoladas, mas como dois representantes de toda a humanidade. A desobediência de Adão inaugura um regime enquanto a obediência de Cristo inaugura outro. A diferença nos tempos verbais também contém um evangelho implícito: o pecado “reinou”, a graça “reina”. Há uma relação entre tudo o que é relacionado ao pecado do primeiro Adão estar atrelado ao que passou e o resultado da obra de Cristo a consequências no tempo corrente.

A chave da Carta para o Domingo: o episódio do deserto narrado na leitura do evangelho não é um ato moral bonito da parte de Jesus tão simplesmente. Isto já é a Obra do segundo Adão desfazendo a obra do primeiro através de sua obediência.

1.4 Mateus 4.1-11

A leitura nos aponta para Jesus indo para o deserto conduzido pelo Espírito e sendo abordado pelo tentador. O ponto que o evangelista Mateus faz é intimamente conectado com o ponto levantado na leitura de Romanos. Jesus é Filho, mas ao modo do Pai. Ele não usará o poder para si mesmo, ele não testará o Pai, ele não tomará atalhos para a glorificação.

É visível também um eco da história de Israel, onde 40 dias nos remetem aos 40 anos de peregrinação, também as respostas de Jesus são citações de Deuteronômio, livro também escrito no deserto. Este ambiente hostil do deserto também é um lugar onde Israel questiona se Deus lhes daria coisas boas e questiona a vontade de Deus diversas vezes. Jesus, por sua vez responde as tentações como quem confia totalmente na vontade do Pai.

A chave do Evangelho para o Domingo: enquanto o primeiro Adão, cercado de toda a abundância do jardim cai por dar ouvidos a um questionamento sobre a real vontade de Deus, Jesus vence entregando-se a esta vontade e respondendo com “está escrito”

2 SÍNTESSE DO TEMA

Gênesis mostra onde o problema começa, com culpa e desconfiança. Mateus revela a obediência e submissão de Cristo que sustenta a nossa absolvição. A leitura de Romanos coloca estes textos em paralelo, mostrando a causa de todo o pecado no mundo e apontando a solução dada por Cristo. O Salmo descreve como é bom receber este perdão.

3 ALGUMAS NOTAS EXEGÉTICAS E HOMILÉTICAS COM BASE NO EVANGELHO

3.1 O lugar do texto no Evangelho

A tentação está posicionada logo após o batismo. Jesus dá início aos atos messiânicos a partir do batismo, onde sua identidade como Filho é publicamente

anunciada desde os céus. A tentação é o primeiro ato que se segue, como um ataque à identidade como o Filho. Ao questionar “Se você é o Filho de Deus...” (4:3), o inimigo não precisa fazer com que Jesus negue esta verdade, a tentação éposta no sentido de torcer o que significa ser o Filho: dar prova disto, tomar o mundo sem passar pela cruz. A leitura do grego não nos permite entender nesta pergunta uma forma de dúvida sobre a filiação, o inimigo sabe tão bem quanto Jesus quem ele é, toda a tentação, portanto recai nas implicações que ser o Filho traz sobre Jesus.

Kretzman faz uma observação que merece destaque ao mencionar que experiências espirituais elevadas frequentemente são seguidas de prova intensa. Por isso a vitória de Cristo é absolutamente necessária para a nossa salvação, vencendo como homem, compartilhando da nossa vera natureza, ele se torna refúgio para os seus.

Ponto homilético: o texto não tenta ser um manual de como vencer tentações, embora isso possa ser interpretado no texto. Seu foco está em apresentar quem Cristo é por nós, o Filho que é obediente onde todos nós já tínhamos caído desde Adão.

3.2 A primeira tentação

O tentador não aparece com uma proposta malvada de imediato, mas sugere algo plausível: se alguém tem fome e pode fazer algo a respeito, por que não fazer? Adicionamos o detalhe da própria natureza humana, que após um jejum prolongado sente fome intensa e a natural diminuição da resistência e da clareza de pensar. Aqui o Diabo e a carne trabalham no mesmo sentido. O que não fica apresentado às claras é que se Jesus usasse sua prerrogativa divina para transformar pedra em pão, então ele não estaria alinhado à vontade do Pai.

A resposta de Jesus é assertiva, citando Dt 8.3, Jesus mostra que Deus não está preso a meios, mas que a própria vida é sustentada pela sua Palavra, o Pai o sustentaria e disso não havia dúvida.

Aqui podemos fazer uma leitura cristológica das leituras, já que em Gênesis a desobediência começa pelo comer, o segundo Adão obedece preferindo a fome.

3.3 A segunda tentação

O ambiente é outro, a tentação se torna religiosa. O diabo cita o Salmo 91, mas o faz de modo perspicaz. Ele lembra Jesus de uma promessa, mas não menciona uma parte essencial, como quem tenta promover um esquecimento. A promessa é para quem anda nos caminhos de Deus, e não para quem tenta se exibir.

A tentação remete ao pecado de Massá (Ex17) e Jesus novamente demonstra como a Escritura interpreta a própria Escritura. Se alguém tenta se valer da fé para testar a Deus, Dt 6.16 oferece a resposta “não tentarás o Senhor”.

Um bom ponto pastoral aqui é essa tentação com aparência piedosa de pedir sinais a Deus como prova de que ele está conosco, ao invés de confiar na sua promessa de estar presente. Ainda mais os sinais públicos, que funcionam como espetáculo diante dos homens, mas que expõem uma confiança maior em sinais que na promessa e a vaidade de fazer desta prova uma autoridade diante do povo.

3.4 A terceira tentação

A última oferta é tão valiosa quanto seu custo: todos os reinos, mas à custa de adoração. Aceitar o caminho oferecido pelo diabo implica em algumas consequências. A primeira é a validação do Diabo como dono dos reinos da terra, a segunda é a quebra da confiança de que o Pai cuida do “como” e do “quando” as coisas devem acontecer, trocando a obediência que cabia ao segundo Adão pela mesma desobediência que todos caíram.

3.5 Conclusão exegética

Em Gênesis 3, o Diabo tenta ressignificar Deus como um rival do nosso próprio bem, em Mateus 4, Jesus confia totalmente no bem que vem do Pai. As distorções que o inimigo tenta fazer com Jesus são, na verdade tentações comuns a todos nós.

- 1 – Usar seus dons e qualquer poder que se tenha em benefício próprio;
- 2 – Cobrar Deus que dê provas ou garantias;
- 3 – Abrir mão da fidelidade em prol de resultados.

Jesus não vence só por ser forte, mas principalmente porque permanece firme na identidade que lhe foi confirmada no seu batismo, a de Filho à moda do Pai, e isto tem um efeito salvador; ele vence por nós e depois nos ensina a viver refugiados na sua vitória.

4 ESBOÇO DE HOMILIA – 1º DOMINGO NA QUARESMA (TRIENAL A)

4.1 Tema: Do esconderijo falso ao esconderijo verdadeiro

4.1.1 Diagnóstico Externo (O que aparece)

Esconderijos “visíveis”: a gente aprende a se proteger. Quando erra, não confessa, se esconde no silêncio. Em vez de verdade, vem a performance: justificativas, comparações, acusações (“não fui eu...”, “todo mundo faz...”, “a culpa é do outro”). Gn 3 já descreve isso: folhas, fuga, transferência de culpa. E por fora, parece que está tudo sob controle.

4.1.2 Diagnóstico Interno (O que está por trás)

O medo de Deus e a desconfiança do Pai: por dentro, o pecado não é só “um deslize”; é uma história que a gente compra: Deus não é tão bom assim, Deus não quer meu bem, eu preciso me garantir. A serpente planta suspeita e nós seguimos repetindo. A culpa pesa, mas o coração prefere esconder a se render. Por isso o salmista descreve o corpo e a alma secando no silêncio.

4.1.3 Diagnóstico Eterno (O que isso produz diante de Deus)

Um esconderijo que não protege: o problema é que o esconderijo do pecado é frágil: ele só adia o encontro com a verdade. O resultado é separação, não porque Deus “não aguenta” pecadores, mas porque o pecador foge do único lugar seguro. A morte paira no horizonte (Rm 5). O “onde estás?” de Deus expõe: estou perdido, tentando me cobrir com o que não cobre.

4.1.4 Solução Eterna (O que Deus faz)

Deus nos encontra e Cristo entra no deserto por nós: no Evangelho, Cristo vai ao deserto, sem esconderijo, sem atalho e vence o tentador. Onde Adão caiu num lugar de abundância, Jesus permanece fiel mesmo com fome. A vitória de Cristo já é anúncio: há um novo Cabeça (Rm 5).

4.1.5 Solução Interna (Como isso nos alcança)

O Salmo 32 se torna realidade para nós: quando a boca se abre em confissão, Deus não nos esmaga, ele perdoa. O esconderijo muda: não é mais “eu me esconde de Deus”; é “Deus é o meu esconderijo”. A justiça de Cristo cobre a vergonha de Adão. O coração aprende a dizer a verdade sem desespero, porque já há perdão.

4.1.6 Solução Externa (O que passa a acontecer)

Vida nova: menos máscara, mais confiança: a vida cristã, então, é viver “à luz”, sem teatro. Ainda há tentações, mas agora não lutamos para merecer aceitação; lutamos porque já fomos recebidos em Cristo. E quando caímos, voltamos ao lugar seguro: confissão, absolvição, refúgio. A Quaresma vira treino de confiança: abandonar “folhas” que tentam esconder quem somos e correr para o Pai.

4.1.7 Fecho

O pecado nos ensina a fugir e a nos cobrir. Cristo nos chama a voltar e a sermos cobertos por graça. Bem-aventurado não é quem nunca cai, é quem, em Cristo, já encontrou o verdadeiro esconderijo.

Pr. Nathan Buzzatto

Penha, Rio de Janeiro